

Cultura do cuidado no ensino superior: A universidade, as políticas públicas e o Promove-Universitários

Culture of care in higher education: The university, public policies and Promove-Universitários

Taize de Oliveira¹, Franciele Ariene Lopes Santana¹, Giovanna Belei-Martins¹,
Alessandra Turini Bolsoni-Silva¹

[1] Universidade Estadual Paulista (UNESP) | **Título abreviado:** Políticas públicas no Ensino Superior | **Endereço para correspondência:** Taize de Oliveira – Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, CEP: 17033-360, Bauru/SP | **Email:** taize.oliveira@unesp.br | **doi:** doi.org/10.18761/vecc0100123

Resumo: Apesar de a graduação ter como foco a promoção de desenvolvimento do estudante, estes enfrentam desafios que podem se desdobrar em vivência de dificuldades, sofrimento e até mesmo adoecimento. Por isso, é necessário que o estudante seja compreendido como pessoa em um período contextualizado, tanto para seu futuro como para a sociedade, o que exige a construção de um valor ético do cuidado pela comunidade acadêmica. Tal valor pode dirigir e amparar práticas culturais relacionadas às decisões no campo da política pública voltada a este público. Há mudanças importantes na democratização da universidade brasileira que embasam políticas de saúde e permanência estudantil, mas ainda há desafios quanto à busca por efetivas mudanças e o aspecto do cuidado com as diferentes pessoas que adentram a universidade ainda está sendo construído. Considerando as intervenções voltadas para a promoção de habilidades e repertórios que contribuem para mudanças interpessoais e acadêmicas, foi realizada uma revisão integrativa de literatura, por meio de análises de materiais já publicados sobre o programa Promove-Universitários, identificados no *Google Scholar*. Foram identificados 14 estudos, com publicações desde 2005 a 2022, na modalidade individual e grupal, virtual e presencial, com quantidade de sessões que variaram de 12 a 48. Os resultados identificaram a intervenção como instrumento que promove mudanças em habilidades sociais e saúde mental dos universitários, indicando a necessidade de práticas interventivas voltadas ao desenvolvimento de habilidades e promoção de saúde nessa população.

Palavras-chave: Treinamento De Habilidades Sociais; Intervenção Psicológica; Estudantes Universitários; Psicologia Aplicada.

Abstract: Although undergraduate education focuses on promoting student development, there are challenges that can unfold into difficulties, suffering and even illness. Therefore, it's necessary that the student as a person in a contextualized period, both for their future and for society, which requires the construction of an ethical value of care by the academic community. This value can direct and support cultural practices related to decisions in the field of public policy aimed at this population. There are important changes in the democratization of the Brazilian university that support policies of inclusion and student permanence, but there are still challenges regarding the search for effective changes. However, the aspect of caring for the diversity of people who enter the university is still being built. Considering the interventions aimed at promoting skills and repertoires that contribute to interpersonal and academic changes, an integrative literature review theoretical study was carried out, through the analysis of previously published materials of 'Promove-Universitários' identified in *Google Scholar*. Fourteen studies were identified, with publications from 2005 to 2022, in the individual and group, virtual and face-to-face modality, with a number of sessions ranging from 12 to 48. The results identify the intervention as an instrument that promotes changes in social skills and mental health of university students, indicating the need for interventional practices aimed at developing skills and promoting health in this population.

Keywords: Social Skills Training; Psychological Intervention; College Students; Applied Psychology.

A Análise do Comportamento (AC) compreende que qualquer comportamento pode ser explicado e compreendido por meio do modelo de seleção pelas consequências (Skinner, 1979/2007). Este modelo tem como princípio fundamental que, uma vez que existam variações, as contingências ambientais selecionam os comportamentos, aumentando ou reduzindo a probabilidade de eles serem emitidos (Melo et al., 2015), sendo problemáticos ou não. Na espécie humana, além dos níveis de seleção filogenético (primeiro nível, relacionado a características biológicas), e ontogenético (segundo nível, relacionado a história de aprendizagem individual), está presente também o terceiro nível de seleção, o nível cultural (Skinner, 1979/2007; Melo et al., 2015). O nível cultural relaciona-se com contingências de reforçamento especiais, mantidas por um grupo (e que podem ou não estar presentes em outros grupos). O surgimento do comportamento verbal na espécie humana foi um fator decisivo para o surgimento deste nível de seleção, pois foi ele que

[...] tornou possível aos indivíduos da espécie humana desenvolver padrões comportamentais de cooperação, formação de regras e aconselhamentos, aprendizagem por instrução, desenvolvimento de práticas éticas, técnicas de autogestão e, além disso, o desenvolvimento do autoconhecimento ou da consciência. (Melo et al., 2015, p. 168)

Glenn (2004) aborda o conceito de cultura como sinônimo de práticas culturais, a qual define como “padrões de comportamento aprendido transmitidos socialmente, bem como os produtos desses comportamentos (objetos, tecnologias, organizações, etc).” (Glenn, 2004, p.139). Desta forma, adota-se a ideia de que a cultura está relacionada às práticas culturais, que se dá pelo arranjo de contingências sociais que são entrelaçadas, em especial aos reforçamentos especiais, como o reforço social, e que podem ser favorecidos a partir de habilidades sociais.

Dito isso, a perspectiva analítico-comportamental sobre transtornos mentais considera que o comportamento do indivíduo é resultado dos efeitos de sua história de vida, somados às contingências em vigor atualmente (Banaco, 2012). Dessa forma, uma

“psicopatologia” não seria a causa de problemas de comportamento (inclusive comportamentos encobertos), mas sim um adjetivo socialmente convenido dado à classe de comportamentos em questão, sendo mantida pelos mesmos princípios, isto é, por reforçadores, ainda que também tenha punições. Ou seja, não é “a depressão” que faz um indivíduo perder o apetite, parar de trabalhar ou chorar com frequência. Os comportamentos topograficamente observados de perda de apetite, parar de trabalhar e choro frequente são chamados pela nossa cultura de “depressão”. Isso permite que explicações circulares sobre problemas de comportamento (“depressão causa comportamentos, comportamentos são causados por depressão”) deixem de ser necessárias. Tais comportamentos precisam ter explicações funcionais, seguindo-se os princípios de aprendizagem respondente e operante, incluindo análises moleculares, molares (Andery, 2010) e não lineares (Goldiamond, 1984).

Contingências envolvidas no desenvolvimento e manutenção de repertórios comportamentais denominados psicopatológicos estão relacionadas ao excesso de controle aversivo do comportamento, com subprodutos como contracontrole, respostas emocionais (medo, raiva, ansiedade, tristeza) e outras respostas consideradas problemáticas (Lima & Carrara, 2019, Sidman, 1989/2001). Assim, analisar fatores contextuais vivenciados por indivíduos que apresentam comportamentos classificados como transtornos mentais pode auxiliar na compreensão da influência de tais contextos sobre o comportamento de um grupo consideravelmente grande de pessoas (Del Prette & Del Prette, 2014). Nesse sentido, é preciso levar em consideração os três níveis de seleção (filogênese, ontogênese e cultura) ao analisar fenômenos comportamentais, tanto de indivíduos quanto de grupos, não sendo diferente no contexto universitário.

Assistência Estudantil no Ensino Superior: por uma Cultura do Cuidado

Embora a universidade possa trazer impactos positivos para o estudante (Lopes et al., 2022, Mayhew et al. *apud* Braxton, 2019), iniciar uma graduação pode trazer dificuldades, podendo ser acompanha-

da de sofrimento ou mesmo adoecimento (Oliveira et al., 2021). Os desafios da graduação podem ser vivenciados tanto na formação acadêmica propriamente dita, como também nas novas relações interpessoais que precisam ser estabelecidas no contexto universitário (Bolsoni-Silva, 2019).

Nessa toada, pensar a oferta de acolhimento, apoio e cuidado ao estudante no ensino superior, numa perspectiva de promoção do desenvolvimento acadêmico e da saúde, bem como da prevenção de adoecimentos, pode colaborar com a diminuição de custos com a cronificação de adoecimentos. Mas a ação ainda carece do estabelecimento de práticas culturais que não sejam isoladas ou desconectadas das políticas públicas. Desta forma, ainda falta espaço e esforços para uma cultura do cuidado avançar neste contexto. Perceber o estudante como pessoa em um contexto específico de mudanças comportamentais importantes para seu conviver em sociedade, requer a construção de um valor ético, cujos princípios deveriam amparar decisões tomadas no campo da política pública. Isso porque, ao estar em um período específico de aprendizagem, que influencia a formação pessoal e profissional, os desafios desse processo podem requerer ações e apoios que colaborem com a permanência e o bem-estar dos estudantes universitários.

Os esforços para democratizar a universidade brasileira, ainda um desafio atual, embasaram uma série de práticas voltadas para a expansão estrutural, políticas de inclusão, permanência e ampliação de vagas (Silveira et al., 2022). Entretanto, o aspecto do cuidado com as diferentes pessoas que adentram a universidade ainda está sendo construído: quando o contexto aumenta o risco para prejuízos no desenvolvimento social, emocional e acadêmico, ocorre maior chance de dificuldade na permanência estudantil, ampliando riscos de suicídio e evasão (Brandão, 2016).

Em termos de saúde, nas universidades federais, por exemplo, houve o incremento nas práticas relacionadas à saúde mental (Fonaprace, 2019), mas de modo ainda pontual como o que ocorre nas campanhas anuais “Janeiro Branco” (saúde mental) e “Setembro Amarelo” (prevenção ao suicídio), que são ações informativas para conscientização, porém nem sempre amparam plenamente as demandas mais específicas e, muitas vezes, urgentes. É pre-

ciso lembrar que as universidades federais contam com o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), cujos objetivos englobam a democratização das condições de permanência no ensino superior federal, a minimização dos efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão do curso, a redução de taxas de retenção e evasão, e a contribuição para a promoção da inclusão social pela educação. O programa estabelece uma ampla frente de ações, dentre elas a atenção à saúde (Ministério da Educação [MEC], 2010) e sob a qual programas específicos podem ser desenvolvidos, desde que recursos do PNAES sejam destinados para tal.

Um estudo, com dados de quase 50 mil universitários de universidades federais, analisou a influência do auxílio permanência sobre desempenho de estudantes de baixa renda. Após análise de regressão linear, considerando-se como variável de interesse o recebimento de assistência estudantil, o estudo indicou que a assistência estudantil alterou os efeitos da baixa renda familiar sobre o desempenho acadêmico, trazendo resultados positivos no desempenho do estudante (Julião et al., 2022).

Céspedes e colaboradores (2021) analisaram os efeitos do Programa de Auxílio Para Estudantes (PAPE – mantido através de recursos do PNAES) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). A universidade iniciou o processo de implementação da Lei de Cotas em 2013, sendo que a marca de 50% das vagas reservadas para alunos oriundos de escolas públicas foi atingida em 2016. Os autores consideraram dados apontados pela literatura que indicava que o sistema de cotas, como medida isolada, não era suficiente para estudantes em vulnerabilidade social. Dessa forma, foram analisados dados sociodemográficos de 13.402 estudantes no momento da matrícula (período de 2012 a 2016) e os indicadores de situação acadêmica e de desempenho na universidade. Os autores verificaram menor porcentagem de desistência estudantes com renda *per capita* inferior a 1,5 salário-mínimo que participavam do PAPE. Além disso, os coeficientes de desempenho acadêmico dos estudantes que receberam algum tipo de auxílio foram superiores e com menor variabilidade, quando comparados com estudantes da mesma faixa de renda que não receberam auxílio. Os autores também trazem uma

importante questão, afirmando que a maioria das instituições, incluindo-se a UNIFESP, usa o termo vulnerabilidade social de forma abrangente, considerando não apenas alunos em vulnerabilidade financeira, mas também estudantes em situação de risco, como “fragilidade de vínculos sociais e afetivos; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural, sexual e de gênero; exclusão pela pobreza; problemas relacionados ao uso de drogas; deficiência física, entre outras” (Moraes, 2010 apud Cespedes et al., 2021, p. 1083). Entretanto, até onde pode alcançar esta revisão de literatura, no PNAES, não foram incluídos programas específicos para prevenir problemas no que concerne a indicadores de saúde mental.

Dados da última pesquisa do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Estudantil (Fonaprace, 2019) revelaram que 83,5% dos estudantes participantes relataram experienciar alguma dificuldade emocional, sendo que a ansiedade demonstrou afetar 6 a cada 10 estudantes, ideias de morte afetaram 10,8% e pensamento suicida 8,5% dos entrevistados. Dos participantes, 32,4% já estiveram ou estavam, no período da pesquisa, em atendimento psicológico, sendo que dentre eles, 39,9% faziam ou fizeram uso de medicação psiquiátrica. Daqueles que nunca buscaram apoio psicológico (n=811.688), 1,1% (um total de 9.200 estudantes) está tomando medicação psiquiátrica e 3,8% (31.221 estudantes) já fizeram uso. A pesquisa chama a atenção para a questão da rotina de estudos que pode contribuir com o aparecimento ou amplificação de problemas relativos à saúde mental.

Graner e Cerqueira (2019), na mesma direção, identificaram, em revisão de literatura, que há o mapeamento de riscos de diferentes ordens relacionado ao sofrimento de universitários. Tais riscos envolvem questões demográficas, de saúde, psicológicas, sociais, de violências e também relacionais, como dificuldade de interagir com amigos e com outras pessoas, adaptação; além de questões acadêmicas como série do curso, excesso de horas de trabalho, dificuldade em conciliar lazer e estudo, etc. Os problemas interpessoais e de saúde mental presentes já no ingresso do ensino superior podem se apresentar como preditores de abandono escolar (Brandão et al., 2017). Adicionalmente também já foi apontada correlação diretamente proporcional

entre o repertório de habilidades sociais (HS) e o bom desempenho acadêmico no ensino superior (Nazar, et al., 2020).

Diante do contexto universitário e possibilidades de adoecimento acima citadas, algumas iniciativas vêm sendo realizadas com esse público nos últimos anos, seja por meio de ações de assistência estudantil, visando a permanência e desenvolvimento dos acadêmicos (Imperatori, 2017), sendo uma prática institucionalizada ou não, como por exemplo, por meio de projetos, que apesar de não serem estabelecidos como oferta da assistência estudantil, são promovidas como experiências mais individualizadas e não incorporadas definitivamente na política institucional, como projetos realizados por grupos de estudos e de pesquisas que se debruçam sobre a temática da vida acadêmica. Deste modo, tem ficando cada vez mais evidente a necessidade de intervenções que superem o foco no desempenho acadêmico, reconhecendo que a saúde e promoção de desenvolvimento humano precisam ser percebidas e amparadas na universidade para que a experiência acadêmica se dê de modo mais proveitoso – assuntos que serão discutidos no tópico a seguir.

Saúde Mental, Habilidades Sociais e Intervenções na Universidade

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022), saúde mental é um estado de bem-estar que permite que as pessoas consigam lidar com os estresses da vida, perceber suas habilidades, aprender, trabalhar e contribuir com sua comunidade. Nesse sentido, para a OMS, problemas de saúde mental incluem os chamados transtornos mentais e déficits psicossociais e também outros estados mentais associados com sofrimento significativo, incapacidade de realizar atividades de vida diária ou risco de autolesão.

Estudos brasileiros e internacionais têm investigado sobre problemas de saúde mental em universitários, dentre eles o estresse, ansiedade, depressão e risco de suicídio aparecem em alguns estudos como problemas identificados nessa população. Por exemplo, uma metanálise reuniu 44 estudos (com mais de 50% da amostra sendo composta por estudantes de medicina e outros 23,4% com estudantes

de outras áreas da saúde) e incluiu 37.486 universitários brasileiros. Nela, os sintomas significativos de ansiedade estavam presentes em 37,75% dos participantes e sintomas depressivos foram encontrados em 28,51% deles (Demenech et al., 2021). Dentre os estudos internacionais, outra metanálise dos níveis de ansiedade em estudantes de medicina identificou a presença destes sintomas em 33,8% dos universitários estudados (Tian-Ci Quec et al., 2019). Quanto à depressão, uma metanálise envolvendo 37 estudos (40% deles com estudantes de medicina) com 76.608 universitários de 20 países de baixa e média renda (*Low and Middle Income Countries* – LMICs, categoria da qual o Brasil faz parte) sua prevalência atinge 24,4% dos estudantes (Akhtar et al., 2020).

Contando com a participação de 14.371 ingressantes de faculdades públicas e privadas de oito países (África do Sul, Alemanha, Austrália, Bélgica, Espanha, EUA, Irlanda do Norte e México), Auerbach e colaboradores (2018), primeira fase do projeto “*World Mental Health International College Student*” da OMS apontaram que 38,4% dos estudantes apresentaram sintomas significativos para a presença de ao menos um transtorno mental segundo a CIDI-SC (*Composite International Diagnostic Interview - Screening Scales*), nos últimos 12 meses, considerando o período da pesquisa. Outros 29,9% dos ingressantes possuíam histórico de ao menos um transtorno em remissão. Também foi constatado que a presença de comorbidades de transtornos psiquiátricos é um importante preditor para a presença de ideação, planos e tentativas de suicídio, além de serem preditores para a progressão de ideação suicida para a tentativa de suicídio nesses jovens.

Cuijpers et al. (2021) realizaram uma revisão “guarda-chuva” de metanálises, avaliando os efeitos de intervenções psicológicas na prevenção e tratamento de problemas psicológicos em universitários: foram incluídas 31 metanálises, com 608 estudos primários. O estudo mostrou que existem intervenções universais (para todos os estudantes, mesmo sem queixas), indicadas (quando os estudantes apresentam indicação para tratamento, porém sem cumprir diagnóstico) e para tratamento (quando o aluno cumpre critérios diagnósticos de transtornos mentais).

Do ponto de vista do cuidado e atenção psicossocial dos estudantes universitários, ainda se encontram limitações. Embora estudos apontaram a relevância de fatores psicossociais na vivência e na permanência universitária (Abreu & Ximenes, 2021), observa-se, ainda, uma visão reduzida à lógica da subsistência financeira, com foco no repasse de bolsas para manutenção das necessidades básicas de vida do acadêmico. Sob esse viés, as ações de promoção de saúde e a transformação do ambiente da universidade acabam sendo vistas como não primordiais (Almeida, 2019).

Neste contexto, há espaço para diálogos e contribuições da Análise do Comportamento, mais especificamente do contingencialismo, que utiliza a noção de contingências aplicada às interações existentes entre organismos vivos em interações sociais complexas, com o desenvolvimento de políticas públicas. Segundo Carrara (2020), tais políticas são práticas culturais favorecedoras do bem comum, ou seja, na direção de assegurar direitos consagrados de grupos amplos da sociedade ou ainda políticas voltadas para grupos sociais de determinado segmento (cultural, econômico, étnico, entre outros). O autor define políticas públicas como

[...] conjuntos de ações [...] de governo ou dispositivos estatais que definem e especificam o andamento atual e futuro das regras e condições para as áreas de atuação da sociedade, como economia, saúde, segurança, etc., de modo que se possa compreendê-las integradas, porém organizadas tematicamente, como políticas de renda, fiscal, econômica, monetária, de saúde, de abastecimento, meio ambiente, habitação, educacionais e tantas mais quantas sejam as atividades humanas possíveis num núcleo social complexo.” (Carrara, 2020, p. 139)

Não se pretende aqui discutir detalhadamente o processo envolvido na elaboração, implantação e avaliação de uma política pública de estado ou de governo, todavia, parte-se da premissa que as necessidades estudantis constituem um problema social que carece de diferentes políticas que as amparem. O programa que será analisado neste estudo não está institucionalizado como política pública de estado ou governo, entretanto, como será detalhado

adiante, é uma intervenção em saúde, desenvolvida e ofertada por uma universidade pública, dentro de serviço de atendimento psicológico oferecido aos estudantes e à comunidade, havendo experiências de aplicação em outras instituições, além daquela que lhe deu origem.

Considerando um recorte específico das inúmeras necessidades acadêmicas, este trabalho foca na questão das habilidades interpessoais na interface com a saúde mental como contextos importantes para o desenvolvimento acadêmico e que pouco se dá atenção, quando se considera políticas públicas de assistência. Parte-se da compreensão de que intervenções voltadas para o treinamento de habilidades sociais (THS) podem ampliar a proteção da saúde e melhorar a vivência deste período da vida, maximizando as experiências positivas, sejam interpessoais, sejam acadêmicas.

Do ponto de vista conceitual, não há unanimidade quanto à definição de “habilidades sociais” (HS), de acordo com Del Prette e Del Prette, as HS são um construto descritivo: “(1) de comportamentos sociais valorizados por determinada cultura (2) com alta probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade (3) que podem contribuir para um desempenho social competente em tarefas interpessoais” (2017, p. 24). Um repertório de HS adequadamente desempenhado, em conexão com a cultura no qual se estabelece, auxilia na busca e na manutenção de reforçadores sociais, como aquisição e manutenção de amizades, rede de apoio, das tarefas exigidas no ensino superior, na interação com pares e autoridade, resolução de problemas, cujas as ações nesta área podem ser organizadas objetivando-se tanto a promoção de saúde, quanto o desenvolvimento, em atuações preventivas e remediativas, considerando indicadores específicos. Assim como a insuficiente atenção quanto a intervenções dessa natureza junto a universitários, também se encontram lacunas na literatura, especialmente nacional, no que se refere à temática, de modo que ambos, práticas culturais interventivas e literatura científica, podem se beneficiar com a ampliação de pesquisas que avaliem efeitos de intervenções. Entendendo a cultura associada ao entrelace de contingências, a partir de metacontingências, como abordado por Andery “A própria definição de cultura com que o analista

do comportamento trabalha implica a tese de que o comportamento humano sempre envolve contingências sociais” (2011, p. 209), a sobrevivência das culturas pressupõe modificações de práticas culturais atuais, segundo Abib os valores que devem orientar escolha de práticas voltadas para sobrevivência são: “conhecimento, habilidades, tolerância, cooperação, apoio, compaixão, justiça, paz, ordem, segurança, preservação do meio ambiente, abundância” (2001, p.115). A partir da ampliação de comportamentos de um indivíduo ou de um grupo é possível alterar uma série de contingências que estão entrelaçadas, a nível de metacontingência, e assim alterar práticas culturais. Desta forma, pode-se supor que as práticas interventivas voltadas à promoção de habilidades sociais podem colaborar na sobrevivência das culturas, posto que o desenvolvimento destas habilidades pode maximizar práticas de tolerância, cooperação etc., assegurando a continuidade de práticas culturais que incluam reciprocidade, reforçadores para todos, cujo contexto social poderá reforçar, mantendo tais práticas.

Diante da necessidade de estudar o comportamento do universitário para identificar variáveis que podem aumentar ou diminuir o risco de psicopatologias e de promover o desenvolvimento social, emocional e acadêmico é que surge o Promove-Universitários. O programa possui 13 sessões e que propõem o ensino de habilidades sociais que estudos prévios indicaram ser de proteção para a saúde mental e desempenho acadêmico. O programa pode ser conduzido em grupo ou individualmente e é ajustado de acordo com as demandas individuais identificadas na formulação de caso (Bolsoni-Silva et al., 2020). A sua aplicação foi iniciada em 2002 e a primeira publicação é de 2005. Estudos diversos foram conduzidos com diferentes delineamentos metodológicos, cursos e amostras.

Frente a essas colocações, este estudo se configura em um texto de revisão integrativa da literatura que objetiva analisar as colaborações do Promove-Universitários, tomando a intervenção como recurso às mudanças de práticas culturais do cuidado na universidade, sendo um espaço onde cada vez mais estudos identificam adoecimento (Cerchiari et al., 2005, Fórum Nacional de pró-reitores de assuntos comunitários e estudantis [Fonaprace], 2016, 2019). Ressalta-se que o reconhecimento das dificuldades

vivenciadas por universitários por parte de colegas de curso, instituições de ensino, e instituições governamentais é primordial para a elaboração e a implementação de políticas públicas. Para percorrer a proposta deste artigo, foram apresentadas algumas reflexões sobre a cultura do cuidado na assistência estudantil, abordados os indicadores de saúde mental, habilidades sociais e intervenções na universidade. Na sequência será apresentado o alcance do Promove-Universitários quanto ao delineamento, procedimentos, aplicabilidade, limites e possibilidades.

Método

Este estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura, que pode ser compreendida como uma abordagem mais ampla frente às revisões. Tal metodologia permite a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais, dados da literatura teórica e empírica, além de diferentes tipos de publicações como artigos, teses, dissertações, capítulos de livros, entre outros (Souza et al., 2010). A escolha dessa metodologia se justifica frente ao objetivo de revisar uma intervenção específica denominada Promove-Universitários, que possui uma amostra de publicações não restrita a estudos experimentais. Buscou-se então, construir um panorama consistente e compreensível dos resultados do programa no que se refere à sua aplicação clínica e sua relação com a cultura do cuidado no ensino superior, entendendo esta última a partir de ações voltadas para a promoção da saúde. Para tanto, foram seguidos os passos de estabelecer uma pergunta norteadora, definir critérios de seleção, identificar as publicações, categorizá-las e analisá-las sob a ótica da pergunta norteadora. A pergunta estabelecida foi: Quais as potenciais relações do programa Promove-Universitários sobre a promoção de saúde aos estudantes? Entendendo a promoção de saúde como um caminho para a prática do cuidado.

O método utilizado foi a análise de textos publicados sobre o programa Promove-Universitários, acessados na base de dados *Google Scholar*. Realizou-se a descrição da organização e do funcionamento da intervenção, dos delineamentos de pesquisas utilizados, bem como foram analisados

os resultados de estudos que o utilizaram como proposta interventiva voltada tanto para a prevenção (como para melhorar o desenvolvimento universitário), como para aqueles, que como medida adicional, verificou-se a remissão de sintomas psicológicos (indicadores de transtornos mensurados por instrumentos aferidos).

Para a seleção das produções a serem analisadas, como critérios foram eleitas todas as publicações disponíveis e identificadas no *Google Scholar* a partir do descritor “Promove-universitários”, que seguissem os critérios de inclusão: estudos que abordassem tempo, temas e procedimentos, além das informações descritoras sobre os participantes do treinamento, mesmo em caso de apenas um sujeito. Foram excluídos trabalhos sem descrição dos temas do programa, e trabalhos duplicados. A busca ocorreu no período de julho de 2022 a outubro de 2022 e em janeiro de 2023; retornou 19 publicações ao todo e que, após exclusão de estudos repetidos, 14 foram selecionados, incluindo citação de capítulo do Manual do Programa. Não houve recorte temporal, já que a intenção foi revisar todo o material produzido desde a criação do programa.

O Programa Promove-Universitários: Delineamento, Procedimentos e Aplicabilidade

Descrição do Programa

A oferta do programa pode ocorrer por meio de convites pessoais em salas de aula, cartazes distribuídos nas instituições participantes, busca espontânea para realização de psicoterapia, encaminhamentos após avaliação de demandas que poderiam se beneficiar do programa, além de indicação após participação em estudos. O programa faz parte dos serviços oferecidos na Clínica de Psicologia Aplicada de uma Universidade Estadual do Interior Paulista. As intervenções são ofertadas por estudantes de graduação em psicologia durante estágio supervisionado em terapia comportamental ou participação em projeto de extensão (sob supervisão) e também por psicólogas/os estudantes da pós-graduação na instituição. Entretanto, conforme será descrito a seguir, o programa já foi oferecido em outras instituições, sendo que a publicação

de artigos, capítulos de livros, dissertações e teses, além do manual de intervenção, ampliou a divulgação do programa e facilitou seu acesso a outras/os psicólogas/os aplicadoras/es externas/os à instituição de ensino onde o programa foi criado, agregando à base documental do programa.

Com uma leitura analítico-comportamental e construcional, é uma intervenção semiestruturada (Bolsoni-Silva & Josua, 2019). Há previsão de algumas temáticas a serem desenvolvidas e indicação de ajustes conforme a necessidade pré-avaliada, obtida em ampla formulação e avaliação funcional do caso, considerando entrevistas clínicas e diversos instrumentos aplicados, que culminam no estabelecimento de objetivos individuais. Como já mencionado, as sessões podem ser aplicadas individual ou coletivamente, com duração de uma hora e meia a duas horas, uma vez na semana, sendo delineadas inicialmente para execução presencial. No entanto, com as restrições impostas pela pandemia, algumas experiências foram desenvolvidas no formato *online* (Bolsoni-Silva et al., 2020, Fogaça et al., 2022, Santana et al., 2022).

A intervenção é voltada para universitários, independente de curso, idade ou período acadêmico, cujas especificidades (déficits ou excessos comportamentais individuais, variáveis culturais específicas da instituição/curso) são consideradas no ajuste aplicado à intervenção. A aplicação foi avaliada também em casos de pessoas sem problemas psicológicos/saúde mental, mas com déficits em habilidades sociais e de estudo. E no que refere a problemas de saúde mental, foi avaliado em casos de fobia social, ansiedade generalizada, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno borderline, com ou sem comorbidades. E, recentemente, foi avaliado em grupos de universitários com superdotação/altas habilidades (Bolsoni-Silva et al., 2020, Oliveira & Bolsoni-Silva, 2022).

Quanto à estruturação, é previsto ensino e treino de comportamentos relacionados à comunicação, apresentação em público, organização de rotina, lidar com autoridade, empatia, direitos humanos, comportamento habilidoso, passivo e agressivo, expressão de sentimentos, opiniões, críticas e erros, aplicados a diferentes interações sociais (relacionamentos amorosos e com autoridades, familiares e amigáveis), há também temática

de livre escolha dos participantes (Bolsoni-Silva et al., 2020). As sessões possuem organização prévia, contando com cinco momentos: uma parte inicial para tratar da “Tarefa de casa”, sempre contingente ao comportamento ensinado em sessão anterior ou alguma dificuldade específica que o estudante queira colocar; “Discussão dialogada”, na qual o tema é discutido com o grupo ou com a pessoa, no caso do atendimento individual; “Treino de repertório”, uso de diferentes estratégias como vídeos, *role-playing* e atividades de discussão; Explicação de como deverá ser feita a próxima “tarefa”; e “Avaliação de sessão” (Bolsoni-Silva et al., 2020). Sobre a aplicação do programa, sua flexibilidade é um facilitador no sentido de poder se adaptar às necessidades mais urgentes dos estudantes, com formatos e temas que sejam indicados às suas demandas. Esse formato permite que até mesmo universitários sem queixas ou diagnósticos específicos possam se beneficiar da intervenção (Martins, 2022), tendo então um caráter de prevenção. Pensando-se no ingressante, principalmente, este caráter preventivo permite que ele desenvolva habilidades sociais deficientes e aperfeiçoem as que já possui. Participando do grupo, os estudantes acabam conseguindo discriminar os eventos ambientais (antecedentes e consequentes de curto e longo prazos) contingentes a seu comportamento e variar mais seu repertório comportamental, com maior probabilidade de maximizar reforçadores. Além de aprenderem a fazer análises funcionais que incluam interdependências comportamentais.

Descrição de Estudos Publicados Sobre a Aplicação do Programa

A aplicação dos critérios de seleção retornou um total de 14 estudos publicados. Sendo dez artigos, uma dissertação, uma tese e dois capítulos de livro, que são analisados neste estudo. A Tabela 1 apresenta dados de todos os trabalhos empíricos que relataram resultados do Promove-Universitários.

A intervenção teve sua primeira produção científica em 2005 (Villas Boas et al., 2005) e, desde então, vem sendo aplicada com diferentes populações universitárias (Barbosa, 2021, Bolsoni-Silva, 2009, Bolsoni-Silva et al., 2009, Bolsoni-Silva et al., 2020, Garcia et al., 2015, Moretto & Bolsoni-Silva,

Tabela 1. Características dos estudos

Estudo	Referência	Título e dados	Método	Instrumentos avaliativos	Descrição amostra
E1	Santana et al., 2022	Estudo Piloto do Programa Promove-Universitários em Ambiente Virtual. Tipo: Artigo Revista: LAJBM Qualis (2017): B4.	Grupal, atendimento virtual, 13 sessões, 2 horas cada, estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	Questionário de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários (QHC), DASS-21, Mini-Spin.	n=3, universitários com dificuldades no relacionamento interpessoal; universidade pública; Região de realização: Sudeste.
E2	Oliveira & Bolsoni-Silva, 2022	Relato clínico em terapia analítico-comportamental: Depressão, ansiedade, superdotação acadêmica e perfeccionismo Tipo: Artigo Revista: RBTCC Qualis: B1.	Individual; presencial; 101 sessões ao todo, 48 dedicadas ao treinamento do Promove-universitários, 18 no 1º ano, 19 no 2º ano, 11 no 3º ano de terapia, estudo de sujeito único.	BAI, BDI, QHC.	n=1, Universitário com depressão maior com comorbidade de ansiedade e hipóteses diagnósticas de superdotação, universidade pública. Região de realização: Sudeste.
E3	Martins, 2022	Depressão, ansiedade e habilidades sociais em ingressantes do curso de psicologia: caracterização e intervenção Tipo: Tese Universidade: UNESP Programa: Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem.	Grupal, presencial, 12 sessões semanais, 1:30 a 2h de duração, estudo experimental.	BAI, BDI, QHC, IHS-Del Prette.	n=4, ingressantes do curso de psicologia, faculdade privada Região de realização: Sudeste.
E4	Fogaça et al., 2022	Oficina <i>online</i> como modalidade de tele-saúde: Uma experiência com universitários com ansiedade de desempenho acadêmico Tipo: Artigo Revista: Research, Society and Development Qualis: C.	Grupal, oito encontros semanais, com o tempo estimado de 2 horas, relato de experiência (projeto de extensão), estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	Questionário sociodemográfico e acadêmico; adaptação (autorizada pelos autores) do Inventário de Ansiedade frente a Provas - IAP; Entrevista Estruturada de Investigação das Habilidades Sociais, com questões fechadas adaptadas da Parte 1 do QHC.	n= 24, Universitários de Direito, Medicina, Biologia, Medicina Veterinária, Nutrição, Fisioterapia, Jornalismo, Educação Física, Arquitetura e História, universidade pública. Região de realização: Sudeste.
E5	Barbosa, 2021	Treino de HS em universitários com hipótese diagnóstica de altas habilidades/superdotação. Tipo: Dissertação Universidade: UNESP Programa: Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem.	Grupal, virtual, 13 sessões, uma hora e trinta minutos cada, estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	BDI-II, BAI, DASS-21 e QHC.	n= 5, Universitários com hipótese diagnóstica de Altas Habilidades, universidade pública. Região de realização: Sudeste.

E6	Moretto; Bolsoni-Silva, 2021	Efeitos do Promove-Universitários em estudantes de universidade pública e privada. Tipo: Artigo Revista: RBTC Qualis: B1.	Grupal; presencial; 11 sessões, estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	BDI, BAI, QHC, Mini Spin, Audit, DUSI, IHS-Del-Prette, roteiro de entrevista semiestruturada, roteiro de avaliação de sessão.	n=5, Universitários com vínculo à instituição pública (n=3); e privada (n=2). Região de realização: Sudeste.
E7	Bolsoni-Silva et al., 2020	O transtorno de personalidade borderline e a terapia analítico-comportamental: Um estudo de caso (Cap. 5) Tipo: Livro Editora: Hogrefe.	Individual; presencial (40 sessões) e remoto por telefone (10 sessões): 50 sessões, sendo que o conteúdo do Promove-universitários foi trabalhado de modo assistemático, estudo de caso.	BAI, BDI, Mini-Spin, IHS-Del-Prette, QHC, roteiro de entrevista clínica, roteiro de avaliação de sessão.	n=1, Universitário com transtorno de personalidade borderline, universidade pública. Região de realização: Sudeste
E8	Moretto & Bolsoni-Silva, 2019	Promove-Universitários: Efeitos na promoção de interações sociais e saúde mental Tipo: Artigo Revista: Interação em Psicologia Qualis: A3.	Grupal; presencial; 12 sessões, estudo experimental.	IHS, Mini-spin, BAI, BDI, QHC, roteiro de entrevista semiestruturada, roteiro de avaliação de sessão.	n=14, (7 pública e 7 privada) Universitários de anos iniciais (1° e 2°). Região de realização: Sudeste.
E9	Orti et al., 2015	Social skills training in behavior therapy with college students diagnosed with depression Tipo: Artigo Revista: International Journal of Current Research Qualis: C.	Individual, presencial, 11 sessões, 2 horas cada, estudo de caso.	BDI, QHC, roteiro de entrevista semiestruturada.	n=2, universitários de anos finais do curso de Psicologia, universidade pública. Região de realização: Sudeste.
E10	Garcia et al., 2015	A Interação Terapêutica em Intervenções com Universitários com Transtorno de Ansiedade Social. Tipo: Artigo Revista: Psicologia, ciência e profissão Qualis: A2.	Individual, presencial, 12 sessões cada, estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	Sem descrição.	n=2, 2° ano de ciência da computação, 4 ano pedagogia, Universidade pública. Região de realização: Sudeste.
E11	Rocha et al., 2012;	O uso do treino de habilidades sociais em pessoas com fobia social na terapia comportamental. Tipo: Artigo Revista: Perspectivas em AC Qualis: B1.	Grupal, presencial, 12 encontros, 2 horas cada, estudo linha de base múltipla.	SCID-I, Mini-SPIN, QACC-VU e IHS-Del-Prette.	n=4: 2°, 4° e 6° ano de graduação de universidade pública Região de realização: Sudeste.
E12	Bolsoni-Silva et al., 2009	Avaliação de um Treinamento de Habilidades Sociais (THS) com universitários e recém-formados. Tipo: Artigo Revista: Interação em Psicologia Qualis: A3.	Grupal, presencial, 20 encontros, 2 horas cada, estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	IHS-Del-Prette, roteiro de entrevista semiestruturada.	n=18, 15 universitários e 3 recém formados, universidade pública. Região de realização: Sudeste.

E13	Bolsoni-Silva, 2009	Habilidades sociais de universitários: Procedimentos de intervenção na perspectiva da análise do comportamento (Cap. 2) Tipo: Livro Editora: ESETec.	Grupal, presencial, 12 encontros, 2 horas cada, estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	IHS-Del-Prette; roteiro de entrevista semiestruturada; QHC.	n=3 universitários com queixas de dificuldades interpessoais, universidade pública. Região de realização: Sudeste
E14	Villas Boas et al., 2005	Descrição de efeitos de um procedimento de intervenção em grupo com universitários: um estudo piloto. Tipo: Artigo Revista: Interação em Psicologia Qualis: A3.	Grupal, presencial, 22 sessões, 2 horas cada, estudo longitudinal prospectivo não-controlado.	IHS-Del-Prette; roteiro de entrevista semiestruturada.	n=4 universitários com queixas de dificuldades interpessoais, universidade pública. Região de realização: Sudeste

2019,2021, Oliveira & Bolsoni-Silva, 2022, Orti et al., 2015, Rocha et al., 2012, Santana et al., 2022), de períodos escolares diversos, tanto no formato de grupo como individual (Moretto & Bolsoni-Silva, 2021, Oliveira & Bolsoni-Silva, 2022,), presencial (Moretto & Bolsoni-Silva, 2019) e, mais recentemente, *online* (Barbosa, 2021, Santana et al., 2022), tendo por objetivo tanto promoção de saúde, como prevenção de adoecimento ou o tratamento, quando problemas de saúde mental já estavam presentes. A intervenção tornou-se instrumento estruturado em manual em 2020 (Bolsoni-Silva et al., 2020).

Como pode ser observado na Tabela 1, apesar de haver um número de sessões previstas no manual, esse é um programa flexível e que pode ser expandido ou reduzido, como apresentado nos estudos aqui relatados. Do ponto de vista do procedimento, o número de sessões variou, sendo o mínimo de sessões 11, e o máximo 48; apenas quatro estudos foram individuais e os outros dez grupais; dentre os estudos os principais indicadores de saúde avaliados foram os indicadores de ansiedade e depressão, identificados em oito estudos. Os principais instrumentos utilizados foram o Questionário de Habilidades Sociais, Comportamentos e Contextos para Universitários (QHC-Universitários) utilizado em dez estudos, seguido do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette), utilizado em oito estudos, seguido de sete estudos que utilizaram o Inventário de Depressão de Beck (BDI). E ainda, todos os es-

tudos foram realizados na região sudeste do país, com dez das intervenções ocorrendo exclusivamente com alunos de universidades públicas, uma com alunos provenientes de faculdade privada e três com alunos de instituições de ensino públicas e privadas.

A Tabela 2 descreve os principais resultados dos estudos analisados nesta revisão. Buscou-se integrar os dados referentes aos resultados descritos, como ganhos em indicadores de saúde e avaliar possíveis contribuições para a cultura do cuidado.

Tendo em vista a análise comportamental da cultura e que toda prática cultural tem sua origem no comportamento individual, entende-se que a promoção de habilidades sociais em determinados grupos poderá ampliar seus efeitos em um grupo maior, contribuindo para uma cultura do cuidado, tomando por base o que é definido por Glenn (1991, p.60) segundo a qual, as práticas culturais “envolvem a repetição de comportamento operante análogo entre indivíduo de uma dada geração e gerações de indivíduos”, que produz o efeito de atingir e promover mudanças coletivas a partir de mudanças individuais e em pequenos grupos.

Considerando a evolução do programa no decorrer do tempo, com seus ajustes enquanto procedimentos, por um lado e, por outro, a partir dos resultados das pesquisas realizadas, verificam-se mudanças de sinais e sintomas que acabam sendo indicadores de prejuízos na saúde mental dos universitários, ou seja, a redução de indicadores

Tabela 2. Principais resultados e potenciais contribuições

Estudo	Referência	Resultados	Contribuições para cultura do cuidado
E1	Santana et al., 2022	Demonstra efeitos positivos na aquisição de HS.	Intervenção realizada durante a pandemia; Avança na discussão de intervenções voltadas para o cuidado frente a queixas de saúde mental e dificuldades interpessoais e o treinamento na modalidade virtual.
E2	Oliveira & Bolsoni-Silva, 2022	Redução de sinais e sintomas depressivos e ansiosos; maior exposição social; aumento de repertório de enfrentamento a contextos sociais; aquisição em habilidades de comunicação e afeto.	Importância de os contextos educativos promoverem práticas de cuidado preventivas; Discute a formação de educadores para práticas educativas voltada para o cuidado; Lança luz à importância do programa, associado ao contexto clínico individual para a promoção de HS e redução de sintomas emocionais.
E3	Martins, 2022	Participantes do Grupo Experimental tiveram melhora ou recuperação em ao menos um fator dos instrumentos de HS no pós-teste ou nos follow-ups (e duas delas tiveram piora em alguns indicadores, concomitantemente à melhora em outros indicadores); Enquanto isso, quatro dos seis estudantes do Grupo Controle apresentaram piora ou passaram para grupo clínico (deterioração) em ao menos um indicador de HS e em saúde mental para a participante C6.	Intervenção apresentou efeitos em indivíduos com repertórios não-clínicos, o que pode ser indicativo de potenciais benefícios como intervenção universal em grandes grupos de estudantes; Participar da intervenção pareceu ter efeitos importantes sobre as experiências iniciais destes universitários, mantendo suas potencialidades (e aumentando-as no longo prazo, com o processo de modelagem dessas habilidades) e diminuindo (ou ao menos não intensificando) suas dificuldades.
E4	Fogaça et al., 2022	Detalha procedimentos empregados no Projeto de Extensão “Oficina <i>Online</i> de Habilidades Sociais para Universitários com Ansiedade de Desempenho Acadêmico” realizado em uma universidade pública do Estado de São Paulo, mas não apresenta resultados em termos dos indicadores coletados.	Colabora didaticamente com a adaptação e aplicação do programa. Apresenta a descrição de instrumentos de avaliação, etapas de avaliação e processos envolvidos na divulgação da Oficina; as temáticas abordadas na modalidade de telessaúde; a adaptação de técnicas comportamentais já consolidadas para o contexto presencial para as dificuldades relacionadas ao contexto acadêmico, sobretudo, nas situações de avaliações formais; e os recursos para a modalidade de telessaúde.
E5	Barbosa, 2021	Redução de índices clínicos de ansiedade e depressão e aquisição de comportamentos socialmente habilidosos.	Evidencia a aplicabilidade do programa para estudantes com Altas Habilidades e Superdotação; Discute a influência de práticas culturais educativas que podem atuar como fator de risco para saúde mental de estudantes; Intervenção realizada na modalidade virtual, ampliando acesso de estudantes impedidos de participar na modalidade presencial.
E6	Moretto & Bolsoni-Silva, 2021	Aquisição comportamental; redução de indicadores de problemas de saúde mental (mudança de clínico para não clínico); não houve diferença em universidade pública ou privada.	Aplicabilidade e ganhos de treinamento como efetivo em contexto universitário privado e público; Aborda papel de políticas públicas e gestores de universidades na efetivação de práticas que previnam problemas institucionais relacionados ao adoecimento universitário.

E7	Bolsoni-Silva et al., 2020	Melhora no repertório de HS, autoconhecimento, diminuição do comportamento de procrastinação e desenvolvimento de habilidades de organização e planejamento de tarefas acadêmicas.	Aplicabilidade preventiva e interventiva no contexto universitário, oferecendo estratégias que promovam saúde mental e potencialmente melhorem práticas culturais no contexto universitário.
E8	Moretto & Bolsoni-Silva, 2019	Aquisição comportamental para grupo experimental em HS e saúde mental; Indicou diminuição de indicadores de fobia social.	Discute a importância da aquisição de HS para a redução de problemas interpessoais e os efeitos do Promove na promoção de habilidades e na prevenção de déficits interpessoais, indicando melhora em interações e contextos coletivos mais saudáveis.
E9	Orti et al., 2015	Indica a remissão de diagnóstico de depressão a partir do treinamento de HS e desenvolvimento de habilidades que alteraram relacionamentos familiares, amorosos e de amizades. A habilidade mais desenvolvida foi a de expressão de sentimentos positivos e negativos.	Avança na discussão sobre comportamentos relevantes do terapeuta na interação clínica, como contemplação e recomendação; Indica a necessidade de formação de terapeutas que estejam atentos para essas demandas, visando práticas profissionais preventivas.
E10	Garcia et al., 2015	Demonstra a flexibilidade de adaptação do procedimento de treinamento por diferentes terapeutas.	Avança na discussão sobre flexibilidade da prática terapêutica e influência da interação no atendimento de pessoas com transtorno de ansiedade social, indicando práticas profissionais que possam contribuir para atendimentos adaptados às necessidades específicas dos acadêmicos.
E11	Rocha et al., 2012	Efeito positivo estatisticamente significativo em dois participantes da amostra, com aumento de repertório de habilidades sociais.	Avança a discussão sobre práticas e intervenções preventivas com público com Fobia Social e também sobre a promoção de saúde e bem estar nessa população.
E12	Bolsoni-Silva et al., 2009	Aquisição comportamental, ganhos estatísticos para grande parte das habilidades de enfrentamento e autoafirmação com risco, entre outras, no contexto de relacionamento universitários (colegas e professores).	Contribui na discussão da promoção de saúde e bem estar no contexto universitário, promovendo reflexões sobre práticas culturais nesse contexto; Discussão de papel potencialmente preventivo do programa.
E13	Bolsoni-Silva, 2009	Melhora nos escores de habilidades sociais com destaque para enfrentamento e autoafirmação com risco, como na apresentação de seminários.	Apresenta descrição detalhada de uma intervenção mais econômica; Avança nos resultados relacionados ao autocontrole da agressividade, comportamento bastante valorizado socialmente para o alcance de relações mais satisfatórias.
E14	Vilas Boas et al., 2005	Em termos de habilidades sociais, nem todas as dificuldades foram superadas durante a intervenção, sendo que os objetivos estabelecidos foram parcialmente alcançados. Apesar disso, houve melhora no desenvolvimento do autoconhecimento e a discriminação de algumas dificuldades, o trabalho em grupo propiciou o treino de habilidades com mais pessoas e auxiliou na identificação de déficits, complementando as avaliações pré-intervenção.	Primeiro trabalho publicado sobre o programa, avança na discussão sobre intervenção voltada para a atenção de demandas coletivas de universitários. Avalia possíveis mudanças comportamentais e comparando medidas pré e pós-intervenção, colaborando para o aperfeiçoamento de intervenções.

de ansiedade, fobia social e depressão. Tal efeito é possível, tendo por princípio teórico que a promoção de novos comportamentos funcionalmente equivalentes, no caso habilidades sociais relevantes na universidade, favorece melhores interações e resoluções de problemas, maximizando a obtenção de reforçadores positivos e negativos, contribuindo efetivamente para o cuidado no ambiente universitário, como descrito nas Tabelas 1 e 2. Tendo em vista as pesquisas conduzidas, as primeiras intervenções realizadas obtiveram parcial alcance em termos de HS (Vilas Boas et al., 2005), ou melhora nos escores de HS específicas, mas já sendo resultados importantes para o desenvolvimento acadêmico, como enfrentamento e autoafirmação, e apresentação de seminário, cujas melhoras se correlacionaram com mudanças em aspectos emocionais, como ansiedade, por exemplo (Bolsoni-Silva, 2009, Bolsoni-Silva, et al. 2009). Mais recentemente, o programa foi testado e avaliado com universitários com diferentes características e necessidades, o que foi possível dada sua previsão de ajuste à necessidade encontrada. Tal perspectiva preconiza que o programa deve ser ajustado às necessidades sociais e não o inverso. Assim, apesar de ter sido desenvolvido para estudantes no geral, o trabalho com diferentes grupos, como universitários com fobia social (Garcia et al., 2015, Moretto & Bolsoni-Silva, 2019, Rocha et al., 2012, Santana et al., 2022), apresentou ganhos no repertório de HS dos participantes e remissão dos sintomas de fobia social, após a intervenção e seguimento. Também foram observados benefícios aos estudantes apresentando outros indicadores de saúde mental, tais como depressão, ansiedade e transtorno *borderline* (Bolsoni-Silva et al., 2020, Moretto & Bolsoni-Silva, 2021, Oliveira & Bolsoni-Silva, 2022, Orti et al., 2015, Santana et al., 2022). Sendo que o treino de HS foi estabelecido como tratamento principal ou coadjuvante nas demandas apresentadas. Outro recorte importante já acolhido pelo programa foi a condição de estudantes com altas habilidades/superdotação (Barbosa, 2021, Oliveira & Bolsoni-Silva, 2022), que apresentaram tanto redução nos indicadores depressivos e ansiosos como aquisição de comportamentos socialmente habilidosos, como maior exposição social, colaborando com a ampliação de possíveis contextos reforçadores.

Considerando as modalidades de aplicação, o programa foi concebido para aplicação presencial, entretanto, em virtude da pandemia, houve experiências de aplicação em ambiente virtual (Barbosa, 2021; Santana et al., 2022). A respeito das limitações da interação *online*, os resultados sugerem que a modalidade é um meio possível para estabelecer a intervenção, sendo ainda necessários novos estudos, com mais participantes, para avaliar sua eficácia e efetividade, porém, os estudos já indicam mudanças e resultados positivos na intervenção *online*, assim como na presencial.

Ainda que o programa não esteja estabelecido definitivamente como uma política pública, ou seja, reconhecidamente institucionalizado, os resultados dos estudos realizados, em geral, demonstraram aumento de frequência e variabilidade de HS, além da aquisição de novos repertórios que culminaram na redução de problemas de saúde mental. Assim, auxiliando os estudantes no manejo de dificuldades diárias, amplia-se a chance de um melhor aproveitamento da vida acadêmica.

As principais limitações citadas nas publicações foram o número reduzido de participantes ou instituições (8 estudos), as barreiras identificadas na intervenção na modalidade virtual (3 estudos), uso de instrumentos de avaliação exclusivos de autorrelato (3 estudos), e a dificuldade teórica de definição de inteligência com base em comportamentos (1 estudo). Em suma, as maiores limitações são o número de participantes e a adesão desses. Há ainda as diferenças nas modalidades de aplicação do programa nos estudos (aplicação grupal ou individual, prevenção ou remediação), o que pode trazer diferenças nas habilidades desenvolvidas em seus participantes. Outra limitação importante que pode interferir na análise e comparação dos resultados é a gama de diferentes instrumentos utilizados na avaliação dos resultados das intervenções.

Devido à amplitude de demandas, queixas e disponibilidade de tempo para desenvolvimento, o programa foi aplicado e testado em estudos com diferentes formatos metodológicos, como delineamento de linha de base múltipla, delineamento experimental de grupo, delineamento de sujeito único, estudos de caso e, delineamento prospectivo não-controlado. A maior parte se configurou como estudo longitudinal prospectivo não-controlado (8

estudos), seguido de estudos experimentais (2 estudos), estudo de sujeito único (2 estudos) e estudo de delineamento de linha de base múltipla (1 estudo), tais dados podem ser conferidos na Tabela 1.

Na linha de integrar os dados encontrados sobre a temática, a literatura analisada indica como recomendações, novos estudos que ampliem os participantes da amostra, assim como regiões de aplicação; novos instrumentos e dados de observação que possam correlacionar com os dados de autorrelato, além de novas avaliações de manutenção sobre efeito a longo prazo. Adicionalmente, recomenda-se que novos estudos busquem avaliar comportamentos previstos na superdotação e correlacionadas com habilidades sociais, além dos efeitos da Terapia Analítico-Comportamental (TAC) em manejo de comportamentos categorizados na classe de perfeccionismo. Torna-se relevante também a comparação entre estudos no formato virtual e presencial; estudos que comparem e identifiquem diferenças dos resultados grupais e individuais e estudos que identifiquem diferenças dos resultados em casos com comorbidades. A recomendação geral é que amplie regiões e número de participantes, além de ampliação na modalidade de instrumentos (relato e observacional), incluindo medidas de avaliação processuais e de seguimento.

Com base no que foi discutido, fundamentando-se nas pesquisas realizadas, acredita-se que o programa Promove-Universitários se configura como possível recurso de atuação junto aos estudantes, especialmente aos de primeiros anos, os quais os estudos avaliam a presença de mais dificuldades (Araújo et al., 2016, Garcia Dias et al., 2019), bem como com aqueles que apresentam dificuldades prévias (interpessoais e/ou de saúde mental) ao ingresso na universidade, que podem ser agravadas diante das novas demandas neste contexto. Assim, as mudanças nas relações interpessoais podem promover mudanças na cultura universitária, tanto na promoção de saúde mental quanto na alteração de relações que possam atuar como fatores protetivos. Mudanças sociais devem transcender o crescimento e consolidação econômica, possibilitando novas práticas culturais e novos e melhores valores ético-morais (Carrara, 2020) que as sustentem.

Esse tipo de atenção, que acolhe a demanda, ou ainda que ofereça possibilidade de desenvolvimen-

to em diferentes áreas necessárias à vida estudantil, antes mesmo que alguma demanda ou queixa se instale, parece dialogar promissora com uma cultura de cuidado, ainda que outros esforços precisem ser aplicados para que mais pessoas tenham condições de acessar o programa. A análise e socialização de achados, limitações e recomendações pode colaborar tanto com a disseminação do programa quanto com sua melhoria em atender as necessidades do público específico que aborda.

Considerações Finais

O Promove-Universitários, desenvolvido e testado nacionalmente, tem se mostrado uma intervenção promissora, de baixo custo, com ganhos positivos mantidos em seguimento para a população universitária. A implementação do programa demonstra resultados positivos de aquisição e/ou aumento de repertórios e HS, o que favorece que o universitário esteja mais apto e receptivo aos reforçadores sociais, aprenda estratégias competentes de resolver problemas aumentando, assim, os fatores protetivos no contexto da universidade, promovendo, por fim, o bem estar universitário. O programa pode, ainda, ser aplicado sozinho ou como parte de uma intervenção maior.

Como ganhos da intervenção, têm-se a variabilidade de aplicabilidade do treinamento em relação à forma, quantidade de sessões, diversidade de características do público e do contexto, podendo maximizar efeitos enquanto uma prática que pode favorecer a promoção de saúde e bem-estar na universidade. O ambiente universitário pode estar permeado por práticas culturais aversivas, desde o modo de avaliação acadêmica até o contexto de cobranças e comparações de relacionamentos que se estabelecem como hierárquicos em nossas práticas culturais educativas. Desta forma, o Promove-Universitário se demonstra como possível ferramenta para que as relações e interações sociais sejam satisfatórias e competentes no contexto educacional e que melhore, consequentemente, aspectos emocionais da população que o frequenta. Identificando também que as modificações de práticas culturais e o desenvolvimento de habilidades nesse contexto pode ser pressuposto para alterações de práticas culturais que extrapolam

o contexto universitário, entendendo essa população em seus diversos papéis sociais, o estudante que também é filho, que também é amigo, que pode ser tio, assim por diante, pode contribuir, por meio de práticas culturais que se entrelaçam, com bons resultados para um coletivo maior.

O programa também apresenta pontos de abertura que ensejam investigações, por exemplo, ainda não há evidências do uso em pessoas com deficiências, também não se realizou estudos comparando os efeitos da intervenção em relação ao gênero. O programa é nacional, não tendo sido testado em outras culturas, além disso, considerando a dimensão territorial do Brasil, as autoras têm recomendado aplicação e avaliação em diferentes regiões do país. Outro aspecto importante, e que pode ser ampliado em estudos futuros, é a realização de avaliações de seguimento longitudinais, posterior a aplicação em 6 meses ou mais, com ampliação de delineamentos experimentais.

Referências

- Abib, J. A. D. (2001). Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 107-117. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100009>
- Abreu, M. K. A., & Ximenes, V. M. (2021). Pobreza, permanência de universitários e assistência estudantil: Uma análise psicossocial. *Psicologia USP* 2(3), 1-11. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200067>.
- Akhtar, P., Ma, L., Waqas, A., Naveed, S., Li, Y., Rahman, A., & Wang, Y. (2020). Prevalence of depression among university students in low and middle income countries (LMICs): A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 274, 911-919. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.03.183>.
- Almeida, M. R. (2019). *A assistência estudantil como estratégia de combate à evasão e retenção nas universidades federais: Um recorte do Semiárido Potiguar*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional da UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28342>.
- Andery, M. A. P. A. (2010). Métodos de pesquisa em análise do comportamento. Dossiê Maria Amélia Matos. *Psicologia USP*, 21(2), 313-342. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000200006>
- Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 02(02), 203-217. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i2.69>
- Araújo, A. M., Santos, A. A., Noronha, A. P., Zanon, C., Ferreira, J. A., Casanova, J. R., & Almeida, L. S. (2016). Dificuldades antecipadas de adaptação ao ensino superior: Um estudo com alunos do primeiro ano. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 3 (2), 102-111. <https://doi.org/10.17979/reipe.2016.3.2.1846>
- Auerbach, R. P., Mortier, P., Bruffaerts, R., Alonso, J., Benjet, C., Cuijpers, P., ... & Kessler, R. C. (2018). WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: Prevalence and distribution of mental disorders. *Journal of Abnormal Psychology*, 127(7), 623-638. <http://dx.doi.org/10.1037/abn0000362>.
- Barbosa, A. C. B. (2021). *Treino de habilidades sociais em universitários com hipótese diagnóstica de altas habilidades/superdotação*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional da UNESP. <http://hdl.handle.net/11449/215928>.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2009). Habilidades sociais de universitários: Procedimentos de intervenção na perspectiva da análise do comportamento. In R. C. Wielenska, (Ed.), *Sobre Comportamento e Cognição – Desafios, soluções e questionamentos* 23, 21-52. ESETEC.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2019). *Como enfrentar os desafios da universidade*. Curitiba: Juruá
- Bolsoni-Silva, A., & Josua, D. (2019). Instrumentos de avaliação na pesquisa e na prática clínica: Questões relevantes para a produção de evidências na TAC. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 10(1), 42-63. <https://doi.org/10.18761/PAC.TAC.2019.008>.
- Bolsoni-Silva, A.T., Fogaça, F. F. S., Martins, C. G. B., & Tanaka, T. F. (2020). *Promove-Universitários. Treinamento de habilidades sociais: Guia teórico e prático*. Hogrefe.

- Bolsoni-Silva, A. T., Leme, V., de Lima, A., da Costa-Júnior, F., & Correia, M. (2009). Avaliação de um treinamento de habilidades sociais (THS) com universitários e recém-formados. *Interação em Psicologia*, 13(2), 241-251. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v13i2.13597>.
- Brandão, A. S. (2016). *Desempenho acadêmico de universitários, variáveis predictoras: Habilidades sociais, saúde mental, características sociodemográficas e escolares*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da USP. <https://doi.org/10.11606/T.59.2016.tde-21032016-155145>
- Brandão, A. S., Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2017). The predictors of graduation: Social skills, mental health, academic characteristics. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 27(66), 117-125. <https://doi.org/10.1590/1982-43272766201714>.
- Braxton, J.M. (2016). [Review of the book *How College Affects Students: Volume 3. 21st Century Evidence That Higher Education Works*, by Matthew J. Mayhew et al.]. *Journal of College Student Development*, 57(8), 1059-1062. <https://doi.org/10.1353/csd.2016.0101>.
- Carrara, K. (2020). *Contingencialismo, comportamento e políticas públicas*. Chiado Brasil.
- Carrara, K., & Zilio, D. (2013) O comportamento diante do paradigma behaviorista radical. *Brazilian Journal of Behavior Analysis*, 9(1), 1-18. <https://doi.org/10.18542/rebac.v9i1.2129>
- Cerchiarri, E. A. N., Caetano, D. O., & Faccenda, (2005). Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(2), 252-265. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000200008>
- Cespedes, J. G., Minhoto, M. A. P., Oliveira, S. C. P. D., & Rosa, A. D. S. (2021). Avaliação de impacto do Programa de Permanência Estudantil da Universidade Federal de São Paulo. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 29(113), 1067-1091. <https://doi.org/10.1590/S0104-403620210002902418>
- Cuijpers, P., Miguel, C., Ciharova, M., Aalten, P., Batelaan, N., Salemink, E., ... & Karyotaki, E. (2021). Prevention and treatment of mental health and psychosocial problems in college students: An umbrella review of meta-analyses. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 28(3), 229-244. <https://doi.org/10.1037/cps0000030>
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2014). Paradigmas culturais, habilidades sociais e análise do comportamento. In C. Vichi, E. Huziwara, H. Sadi, & L. Postalli (Eds.), *Comportamento em Foco 3* (139-148). ABPMC. <https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2021/08/14359440528816bf4f60.pdf>
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2017). *Competência social e habilidades sociais: Manual teórico-prático*. Editora Vozes Limitada.
- Demenech, L. M., Oliveira, A. T., Neiva-Silva, L., & Dumith, S. C. (2021). Prevalence of anxiety, depression and suicidal behaviors among Brazilian undergraduate students: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 282(1), 147-159. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.12.108>
- Fernandes, D. M., Carrara, K. & Zilio, D. (2017). Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamental*, 25(2), 265-280. <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274551146008.pdf>
- Fogaça, F. F. S. et al. 2022. Oficina online como modalidade de telessaúde: Uma experiência com universitários com ansiedade de desempenho acadêmico. *Research, Society and Development*, 11(12), 1-12. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i12.33085>
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2016). *IV pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais De Ensino Superior Brasileiras (2014)*. <https://www.andifes.org.br/?p=79639>
- Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2019). *V pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos (as) (2018)*. <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>
- Garcia, V. A., Bolsoni-Silva, A. T. & Nobile, G. F. G. (2015). A Interação Terapêutica em Intervenções com Universitários com Transtorno de Ansiedade Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1089-1105. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000842014>.

- Garcia Dias, A. C., Carvalho Carlotto, R., Tochetto de Oliveira, C., & Pereira Teixeira, M. A. (2019). Dificuldades percebidas na transição para a universidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 20(1), 19-30. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2019v20n1p19>
- Glenn, S.S. (1988) Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, 11 (2), 161-174. <https://doi.org/10.1007/BF03392470>
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27, 133-151. <https://doi.org/10.1007/BF03393175>
- Goldiamond, I. (1984). Training parent trainers and ethicists in nonlinear analysis of behavior. In R. F. Dangel & R. A. Polster (Eds.), *Parent training: Foundations of research and practice* (pp. 504-546). Guilford.
- Graner, K. M., & Cerqueira, A. T. A. R. (2019). Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1327-1346. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>.
- Imperatori, T. K. (2017). A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira. *Serviço Social & Sociedade*, 1(129), 285-303. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.109>.
- Julião, C. R. F., Pereira, L. I., & Ferreira, M. A. M. (2022). O impacto do Programa Nacional de Assistência Estudantil no desempenho dos discentes brasileiros de baixa renda. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, 15(1), 203-225. <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2022.e84021>
- Lopes, F. M., Lessa, R. T., Carvalho, R. A., Reichert, R. A., Andrade, A. L. M., & De Micheli, D. (2022). Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 16(1), 1-23. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31105>
- Martins, C. G. B. (2022). *Depressão, ansiedade e habilidades sociais em ingressantes do curso de psicologia: caracterização e intervenção*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional da UNESP. <http://hdl.handle.net/11449/217882>.
- Ministério da Educação. (2010). *Decreto nº 7.234*, de 19 julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES., Brasília, DF.
- Moretto, L. A., & Bolsoni-Silva, A. T. (2019). Promove-Universitários: Efeitos na promoção de interações sociais e saúde mental. *Interação em Psicologia*, 23(3), 357-365. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i3.61155>.
- Moretto, L. A., & Bolsoni-Silva, A. T. (2021). Efeitos do Promove-Universitários em estudantes de universidade pública e privada. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1-24. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v23i1.1328>.
- Nazar, T. C. G., Tartari, M. Q., Vanazi, A. C. G., & Belusso, A. (2020). Habilidades sociais e desempenho acadêmico: Um estudo comparativo entre os cursos da área de saúde e humanas e cursos de ciências exatas e sociais aplicadas. *Aletheia*, 53(2), 7-21. <http://dx.doi.org/10.29327/226091.53.2-1>.
- Oliveira, T., & Bolsoni-Silva, A. T. (2022). Relato clínico em terapia analítico-comportamental: Depressão, ansiedade, superdotação acadêmica e perfeccionismo. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 24(1), 1-23. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1549>.
- Oliveira, T., Garcia, L. M, Castro, E. O., & Capellini, V. L. M. F. (2021). Alcances e desafios nos dois anos e meio de implementação de um Núcleo de Atenção Psicossocial. In I. K. D. N. Moraes (Ed.), *Saúde e aplicações interdisciplinares* (pp. 335-348). e-Publicar. doi 10.47402/ed.ep.c202153627980.
- Orti, N. P., Souza-Girotti, V. B., & Bolsoni-Silva, A. T. (2015). Social skills training in behavior therapy with college students diagnosed with depression. *International Journal of Current Research*, 7 (4), 15382-15391. <https://www.journalcra.com/sites/default/files/issue-pdf/8578.pdf>.
- Rocha, J. F., Bolsoni-Silva, A. T., & Verdu, A. C. M. A. (2012). O uso do treino de habilidades sociais em pessoas com fobia social na tera-

- pia comportamental. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 3(1), 38-56. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v3i1.81>
- Santana, F. A. L., Oliveira, T., Medeiros, F. A., Oliveira, J. M. C., Grassi, M. F., & Bolsoni-Silva, A. T. (2022). Estudo piloto do programa Promove-Universitários em ambiente virtual. *Latin American Journal of Business Management*, 13(1), 10-24. <https://www.lajbm.com.br/index.php/journal/article/view/698>
- Silveira, A. P., Rothen, J. C., de Souza, A. C., Botiglieri Paschoalin, P. C., & Martins, P. D. P. U. (2022). Programa de expansão e reestruturação das universidades federais: Análise da produção acadêmica no período de 2008 a 2017. *Educação: Teoria e Prática*, 31(64), 1-14. <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v31.n.64.s14565>
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>
- Villas Boas, A., Silveira, F., & Bolsoni-Silva, A. (2005). Descrição de efeitos de um procedimento de intervenção em grupo com universitários: Um estudo piloto. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 321-330. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v9i2.4784>

Histórico do Artigo

Recebido em: 31/08/2022

Aceito em: 10/01/2023

Editor Associado: Daniel Assaz